



Lola mora com a mãe no *Ervilha*, um barco atracado à beira do rio. Desde que seu pai desapareceu, ela se recusa a crescer e vive no mundo da fantasia. Não é de estranhar que a garota fique muito contrariada com o aparecimento de Kurt, o novo namorado da mãe. Mas aí ela conhece Pelle, um garoto misterioso, e tudo muda de figura.

LOLA E ERVILHA • ANNETTE MIERSWA

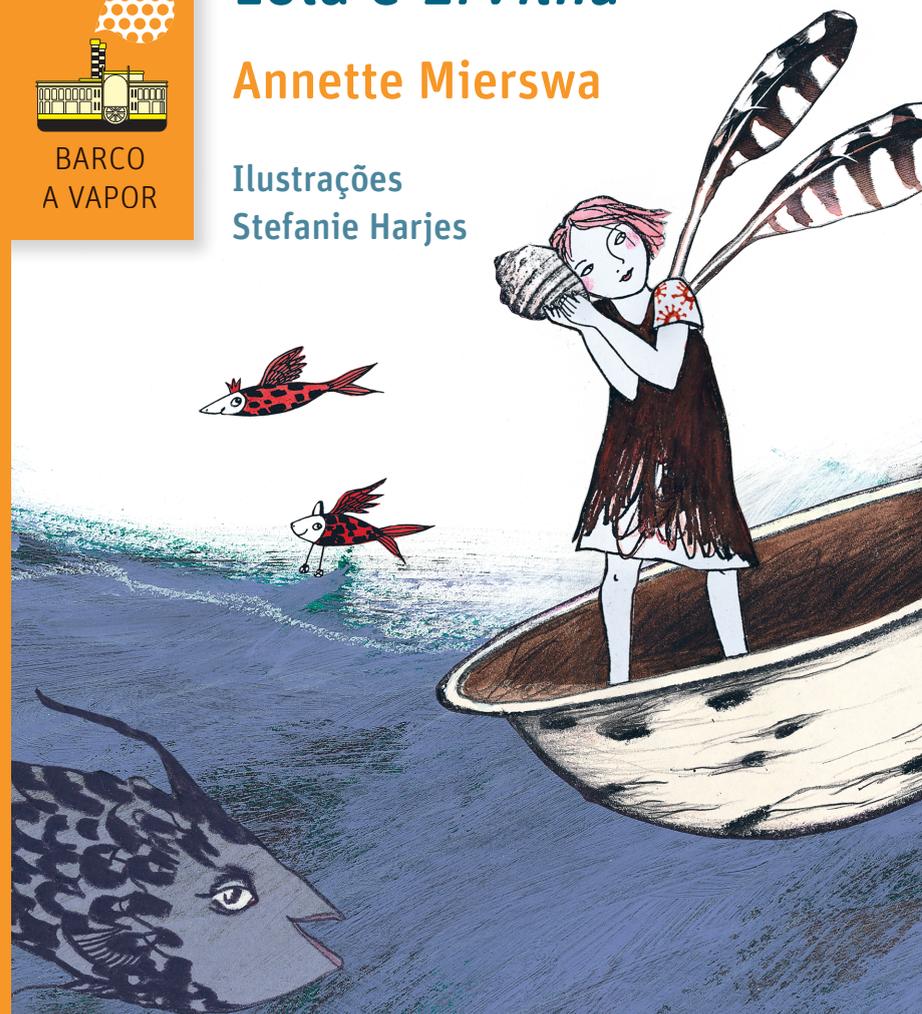


BARCO
A VAPOR

Lola e *Ervilha*

Annette Mierswa

Ilustrações
Stefanie Harjes



sm

sm

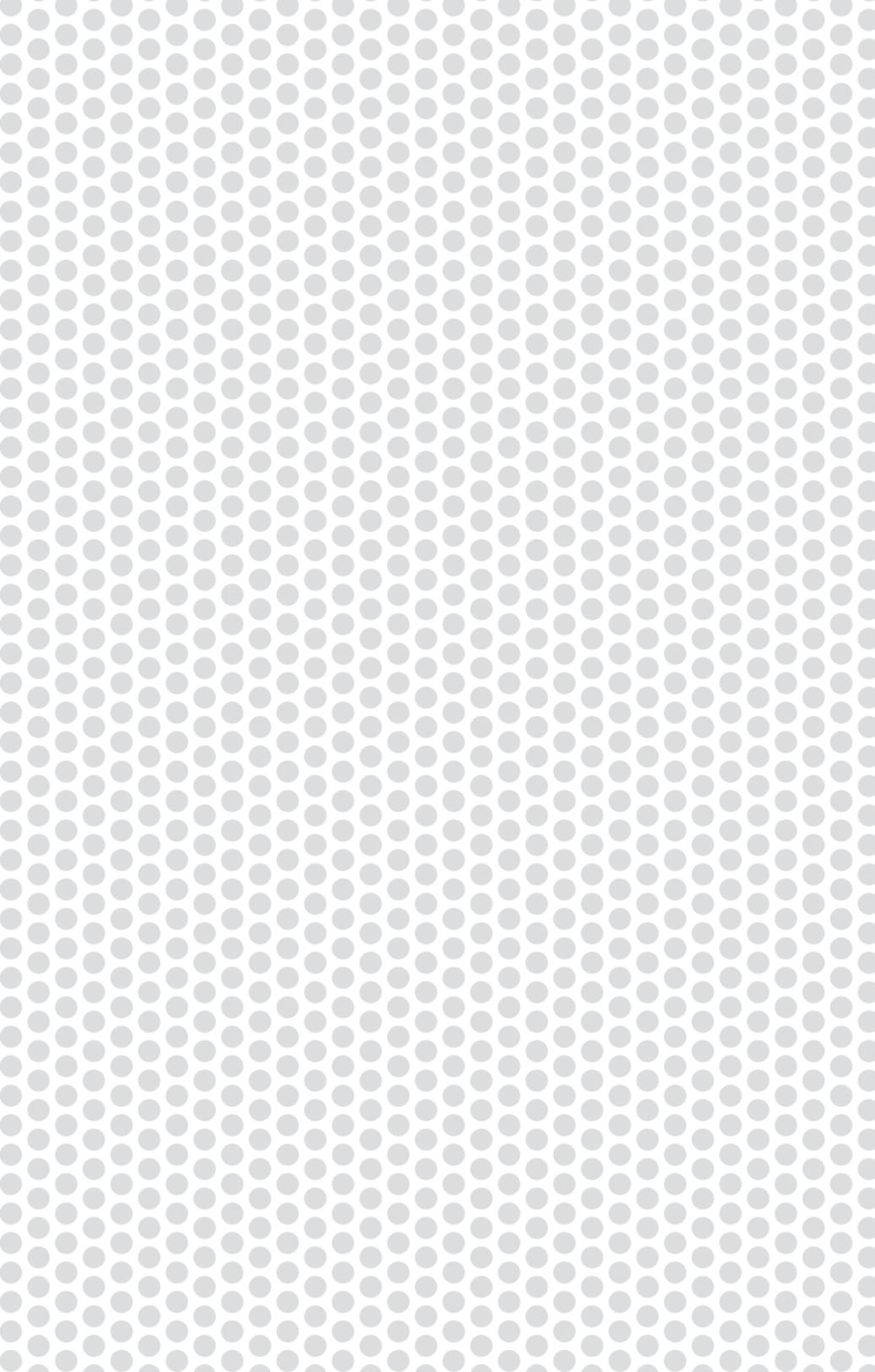
Tradução
Claudia Abeling

1 5 4 2 5 0
ISBN 978-85-418-2012-7



9 788541 820127

Lola e Ervilha





BARCO
A VAPOR

Lola e Ervilha

Annette Mierswa

Ilustrações
Stefanie Harjes

Tradução
Claudia Abeling



Título original: *Lola auf der Erbse*
Annette Mierswa (texto) e Stefanie Harjes (ilustrações)
© Tulipan Verlag, Berlim 2008

Coordenação editorial: Denis Araki e Graziela Ribeiro dos Santos
Preparação: Beatriz de Freitas Moreira
Revisão: Carla Mello Moreira e Marcia Menin

Edição de arte: Leika Yatsunami
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mierswa, Annette

Lola e ervilha / Annette Mierswa ; ilustrações Stefanie Harjes ;
tradução Claudia Abeling. --2. ed. -- São Paulo : Edições SM, 2017.
-- (Coleção barco a vapor)

Título original: *Lola auf der Erbse*.
ISBN 978-85-418-2012-7

1. Literatura infantojuvenil I. Harjes, Stefanie. II. Título.
III. Série.

17-11608

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição brasileira março de 2014
2ª edição janeiro de 2018

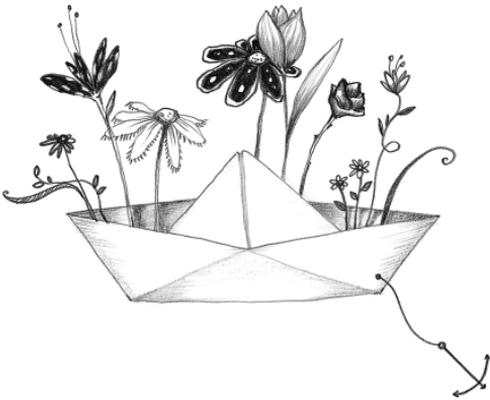
Todos os direitos reservados a
EDIÇÕES SM
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil
Tel.: 11 2111 7400
www.edicoessm.com.br

Aos meus filhos, Adrian e Carlo, com amor.

*“Milagres se tornam realidade,
é preciso aprender a enxergá-los.”*

Ursa Paul





SUMÁRIO

Domingo – O Pássaro do Trovão	21
Segunda-feira – Um plano idiota	49
Terça-feira – A verdadeira história	77
Quarta-feira – Rêbin Kizilhan.....	109
Quinta-feira – Segredinhos	141
Sexta-feira – O vestido para bons momentos.....	165
Sábado – A carta.....	181
Soltar as amarras!.....	207

◦ Mancha de suseira

◦ Nadie

Lola



LOLA NÃO ERA UMA MENINA como as outras. Chamava-se Loretta Lachmann e morava com a mãe em um barco, o *Ervilha*, na parte de baixo do rio. O cabelo vermelho-rosado não era a única coisa esquisita nela. Lola também era mais baixinha que as outras meninas de oito anos da sua classe, batendo no ombro delas. E nunca lavava o pescoço, porque havia um tesouro guardado bem ali: o último beijo que o pai lhe dera antes de desaparecer no ar.

Ela costumava usar vestidos bem largos, com a barra cortada, e tênis com um cadarço branco e outro preto. Isso era para se lembrar das últimas palavras do seu pai: todas as coisas tinham dois lados e era importante prestar atenção em ambos. Assim como não havia sombra sem luz, também não existia dia bonito sem outro sombrio, nem mãe sem pai. Durante um tempo, Lola

se perguntou se sua mãe ainda era mãe, já que seu pai tinha sumido. Mas Laura, a mãe, explicou que o pai ainda existia, mesmo que ela não conseguisse vê-lo. Por essa razão, Lola falava com ele pelo menos uma vez por dia. E, nessas horas, não se importava com o lugar em que estava nem com o que os outros pensavam dela.

Fora o porquinho-da-índia Nadú, Lola tinha apenas um bom amigo, o velho Salomão. Ele ficava sentado em um banco de madeira diante da sua cabana, observando o rio, da primavera até o outono.

— Tenho certeza de que em algum momento ela vai voltar — dizia ele quando, depois da escola, Lola se sentava ao seu lado para também observar o rio.

Ela sabia que Salomão estava se referindo à velha chalupa que um dia, depois de uma forte tempestade, sumiu sem deixar pistas, nem um pedacinho sequer.

— Amanhã, talvez — animava-se —, e aí você vai ver quantos peixes o velho Salomão ainda tira da água.

Ele não saía de casa durante o inverno e Lola tornava a vê-lo sentado no seu banco apenas na primavera seguinte. Dizia que tinha hibernado e ela ficava contente pela volta do amigo.



Laura tinha uma pequena lavanderia na cidade e lá trabalhava de manhã até o finalzinho da tarde. Era uma mulher delicada, com nariz marcante e cabelo loiro-escuro, longo, que costumava usar preso em um coque enfeitado com uma flor. Tinha braços fortes e um cheirinho persistente de cloro. Felizmente ela gostava de flores, que prevaleciam no barco: brotavam de inúmeros recipientes e vasilhos e estavam em todos os ambientes, até mesmo no banheiro. O perfume floral suavizava o cheiro de cloro.



Até pouco tempo antes, Lola encontrava a mãe na lavanderia depois da escola. Lá, uma escada a conduzia ao seu pequeno reino. O teto era tão baixo que só dava para ficar sentada ou deitada. Nesse sótão ela fazia as lições em uma pequena mesa e imaginava jogos de tabuleiro, os quais desenhava em grandes folhas de papel e depois jogava, sozinha.

Mas, como Lola preferia ficar com o velho Salomão para observar o rio e escutar suas histó-



rias, Laura acabou cedendo e a menina passou a ir à lavanderia apenas na época fria, apelidando o lugar de “refúgio de inverno”.

Eram quinze minutos de caminhada da escola ao refúgio de inverno; Lola chegava à cabana do velho Salomão em dez minutos, mesmo tendo que enfrentar uma subida. A vista lá de cima era maravilhosa. À direita ficava a cidade, circundada por uma alameda com velhas árvores frondosas. A construção mais alta era a torre da igreja, cujos sinos